

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

ANA CLÁUDIA DO NASCIMENTO BATISTA

**Narrativas ocultas que dificultam a equidade de gênero no
cotidiano: uma análise a partir do setor industrial**

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**Narrativas ocultas que dificultam a equidade de gênero: uma
análise a partir do setor industrial**

Ana Cláudia do Nascimento Batista

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Gestão de Projetos Culturais

Orientador: Profa. Dra. Neide Takahashi

São Paulo

2022

AGRADECIMENTOS

Em especial à Profa. Dra. Neide Takahashi que me acompanhou nesta reta final dando todo o apoio, paciência e atenção para a construção do artigo, e principalmente, me incentivando reavivando a vontade de explorar o tema. Agradeço também a todos os Profs. que tive a oportunidade de conhecer e estabelecer trocas nesse processo de construção do CELACC.

Agradeço também à minha família e amigos que sempre me apoiam e acompanham nas jornadas e aventuras que costumo desbravar.

NARRATIVAS OCULTAS QUE DIFICULTAM A EQUIDADE DE GÊNERO¹

Ana Cláudia do Nascimento Batista²

Resumo: O presente artigo traz a reflexão acerca de ações e expressões que passam despercebidas no nosso cotidiano, pois foram, durante um processo histórico e cultural de silenciamento e dominação, naturalizadas, estas são chamadas aqui de narrativas ocultas. Com a intenção de compreender quais são os impactos que tais narrativas geram no cotidiano das mulheres, e se isso é, de fato, mais um elemento que dificulta a equidade dos gêneros, é apresentado aqui o resultado de uma pesquisa qualitativa com foco em entrevista de profundidade, em que foram entrevistados 3 homens e 3 mulheres do setor industrial; sob as reflexões teóricas de Beauvoir (2009), Freire (1997), hooks³ (2013), Lerner (2019), Bourdieu (2012), entre outros autores.

Palavras-chave: Narrativas ocultas. Mulheres. Silenciamento. Cultura. Equidade de gênero.

Abstract: This article brings a reflection on actions and expressions that go unnoticed in our daily lives because they were, during a historical and cultural process of silencing and domination, naturalized, these are called here hidden narratives. With the intention of understanding what are the impacts that such narratives generate in the daily lives of women, and, if this is, in fact, another element that makes gender equity difficult, the result of a qualitative research focused on in-depth interviews is presented here, in which 3 men and 3 women were interviewed. Under the theoretical reflections of Beauvoir (2009), Freire (1997), hooks (2013), Lerner (2019), Bourdieu (2012), among other authors.

Key words: Hidden narratives. Women. Silencing. Culture. Gender equity.

Resumen: Este artículo trae una reflexión sobre acciones y expresiones que pasan desapercibidas en nuestra cotidianidad porque fueron, durante un proceso histórico y cultural de silenciamiento y dominación, naturalizadas, estas son las llamadas aquí narrativas ocultas. Con la intención de comprender cuáles son los impactos que tales narrativas generan en la vida cotidiana de las mujeres, y si en, realidad, este es otro elemento que dificulta la equidad de género, se presenta aquí el resultado de una investigación cualitativa centrada en entrevistas en profundidad, en el que se entrevistó a 3 hombres y 3 mujeres. Bajo las reflexiones teóricas de Beauvoir (2009), Freire (1997), hooks (2013), Lerner (2019), Bourdieu (2012), entre otros autores.

Palabras clave: Narrativas ocultas. Mujeres. Silenciando. Cultura. Equidad de género.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais

² Pós-graduanda do Celacc em Gestão de Projetos Culturais

³ A escritora utilizava seu nome em minúsculo propositalmente, como um posicionamento político, e para dar enfoque maior em sua escrita e não à sua pessoa. bell hooks é um pseudônimo inspirado no nome de sua avó.

1. INTRODUÇÃO

O feminismo enquanto ação da busca pela igualdade sempre existiu, mas a origem do termo passa a existir entre os anos 1808 e 1841 sendo usado pelo sociólogo Charles Fourier, e o movimento ganha mais forças e visibilidade somente na década de 1970, seguido pelas décadas de 1980 e 1990. O movimento feminista, marcado pelo que alguns estudiosos chamam de 4 ondas ou gerações de lutas travadas em busca de direitos mais igualitários entre homens e mulheres, é na verdade mutável, se adapta e se expande conforme a sociedade caminha e evolui.

Ao longo das décadas, muitos direitos foram conquistados e a mulher foi gradativamente se inserindo nos espaços públicos e, ainda que nos dias atuais alguns aspectos cotidianos levem a crer que há um retrocesso, não se pode negar que o debate da mulher na sociedade e de seus enfrentamentos diários estão cada vez mais frequentes e evidentes. No entanto, é importante lembrar, como recorda a revista Nexo, que Simone de Beauvoir (2020) já alertava bastar “uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Vocês devem se manter vigilantes durante toda a vida”.

Nominamos aqui, neste estudo, os incontáveis discursos e atitudes normalizados no cotidiano como “narrativas ocultas”⁴, que são, entre outras definições, as diferenciações e cobranças de comportamento entre os gêneros desde a infância, frases que se ouve como “menina pode isso, menino pode aquilo”, ou “ah, mas é porque é mulher”, “homem não chora”, que culminam na diminuição da mulher à sua feminilidade ou aos afazeres domésticos, impulsionam o homem a ter que afirmar a todo momento sua masculinidade como superior ao outro, ou ainda a normalização do medo de que sente uma mulher ao sair na rua, e outros inúmeros exemplos. Narrativas ocultas são as obviedades não ditas, é o silenciamento velado, é aquilo que se normaliza, mas não deveria.

Histórica e culturalmente, a mulher é vista e dita como o outro, o gênero dominado, é quase o sinônimo da submissão, e ao longo da construção social e cultural essa ideia se reproduz e se reafirma por meio da família, da religião e do Estado se perpetuando em diferentes formas de silenciamentos. Isso se reflete até os dias atuais, tendo como consequência as ações e discursos “normalizados”, e que, por assim serem, tornam a equidade de gênero cada vez mais utópica. Propõe-se aqui mergulhar sobre os silenciamentos velados e entender de que forma isso impacta no dia a dia das mulheres, analisando o cotidiano sob o pequeno recorte do ambiente corporativo industrial.

⁴ Termo de autoria própria.

Sob as reflexões teóricas de Beauvoir (2009), Freire (1997), hooks (2013), Lerner (2019), Bourdieu (2012), entre outros autores, o presente artigo busca compreender quais são os impactos que as narrativas ocultas geram no cotidiano das mulheres, e se isso é de fato mais um elemento que dificulta a equidade dos gêneros. Para maior compreensão da temática, o estudo se aprofunda no cotidiano de mulheres e homens que exerçam a posição de líderes ou gestores no ambiente corporativo industrial por meio da pesquisa qualitativa com ênfase na entrevista semiestruturada em profundidade.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Ser mulher, é “carregar o peso de um gênero todo”⁵ (SAMSUNG, TECH GIRLS, EPISÓDIO 3: EMPREENDEDORAS, 2018). Isso acontece porque culturalmente foram herdados padrões e comportamentos construídos ao longo da história, sendo enfatizados e reforçados por meio de diversos símbolos até os dias atuais. Ao colocar o tema “mulher” em pauta, diversos debates aparecem e são correlacionados instantaneamente, como as lutas feministas, o lugar de fala em espaços públicos ou privados, a desigualdade trabalhista e, principalmente, as inúmeras situações e relatos de feminicídio, da violência doméstica e sexual, entre outros.

É notável, em especial nas últimas décadas, os avanços que permeiam o suporte e respeito as mulheres, contudo, ainda há barreiras cotidianas que passam despercebidas e isso ocorre, pois os padrões e comportamentos herdados velam inúmeras ações e expressões machistas que foram tornadas “comuns” porque foram naturalizadas. Cabe nesse quesito uma infinidade de exemplos, no dia-a-dia, de determinadas falas e ações que foram incorporadas por todos, inclusive pelas próprias mulheres. Isso afeta, por exemplo, como individualmente cada mulher se sente, se vê e, também, constrói sua identidade, a forma com que se ergue para poder ocupar os espaços.

Desde a infância, a diferenciação entre os gêneros é presente e ela está nos comportamentos ensinados às crianças, nas permissões concedidas a elas e, também, no encorajamento do que cada uma é capaz, de acordo com seu gênero. Qual a consequência disso? Inúmeras, mas um exemplo simples é: porque determinados cursos de graduação são predominantemente “masculinos”? Por que há mais homens em determinadas áreas? E por que há mais mulheres em outras? Ou indo além, quando determinado gênero resolve “ir contra a

⁵ Camila, cientista da computação. Comercial parte 3 da série Tech Girls da Samsung em 2018.

maré”, quais são os julgamentos e enfrentamentos pelos quais o indivíduo passa? E assim, consecutivamente, uma cadeia toda num círculo vicioso de machismos é repetido, de cultura em cultura.

No Brasil, são muitas as consequências provindas das heranças de um cenário colonial e patriarcal, nascer mulher é trazer em si toda uma carga de diferenciações, contudo, muitas dessas ações e expressões passam ocultas no cotidiano, porque ainda nos dias atuais o diálogo e o debate é limitado, e em alguns (muitos) casos, nem se nota a necessidade de se perguntar, muitos nos passa despercebido, pois perdemos, em grande medida, a habilidade de questionar. Um silenciamento velado é algo que está ali, mas “não está aparente”. Se buscarmos, por exemplo, no dicionário as definições de “silenciamento” encontraremos a seguinte e breve definição: “ato ou efeito de impor silêncio a; imposição de silêncio.” (MICHAELIS, 2022). E se fizermos o mesmo para a palavra “velado”, encontraremos: “que está oculto ou escondido, encoberto, tapado”.

Atualmente diversos canais informativos— como se pode perceber no quadro 1 abaixo — e corporações têm trazido questionamentos pertinentes à tona, e nos feito relembrar a necessidade de “confrontar” determinações naturalizadas, que são características de uma sociedade e cultura machista. Na internet, por exemplo, facilmente se encontram enquetes com frases que desmistificam os padrões de gênero, e põem à prova julgamentos machistas que foram construídos socialmente. É possível ver também ações em campanhas promovidas por grandes corporações, mas ainda há um longo caminho para se andar.

Estes são alguns exemplos de conceitos e inferências sobre a cultura do silenciamento, as narrativas ocultas, o feminismo e seus enfrentamentos sociais e culturais:

Quadro 1

O quadro apresenta 12 cartões de notícias de fontes como Mundo, Brasil, Ciência, Tecnologia e Marketing, abordando temas como machismo, assédio, desigualdade e direitos das mulheres.

- MUNDO:** Jogadoras da Noruega são multadas por não aceitar uniforme biquíni.
- CASUAL:** Pink oferece pagar multas da equipe norueguesa que se recusou usar biquíni.
- REVISTA EXAME:** Planilha de inclusão no mercado: o trabalho para reduzir as desigualdades.
- MUNDO:** China propõe ensino de masculinidade para evitar troca de papéis de gênero.
- MUNDO:** "Quando cobro, dizem que é 'mimimi', que sou uma criança".
- UM CONTEÚDO BÉSSOLA:** Sensação de impunidade e medo afastam mulheres de denúncias de assédio.
- BRASIL, CIÊNCIA:** 90% das cientistas premiadas do Brasil relatam machismo.
- MUNDO:** SofaGate: em encontro UE-Turquia, a mulher na sala não recebeu uma cadeira.
- CIÊNCIA:** Governo pretende incrementar ensino de Educação Física e habilidades motoras, já que espera-se que os meninos chineses sejam líderes fortes.
- CIÊNCIA:** O som do sucesso: CEO com voz 'mais masculina' ganha mais, diz estudo.
- TECNOLOGIA:** Levantamento: quase 70% dos vídeos do YouTube são sexistas.
- TECNOLOGIA:** A vereadora eleita sem ser candidata só para 'embelezar' a Mesa da Câmara.
- TECNOLOGIA:** Conteúdo machista reforça objetificação da mulher por meio de materiais estereotipados, segundo ONG.
- BRASIL:** Alvo de machismo em eleição na Câmara Municipal de Canguçu (RS), onde é a única mulher, Jasmim Roloff (PT) ganha solidariedade de Lula e da esquerda.
- BRASIL:** 'Proibido entrada de homens': a história por trás da placa.
- BRASIL:** Dona de loja de São Paulo relata sucessivos episódios de assédio: em um deles, um homem ejaculou em uma peça de roupa.
- MARKETING:** Gillette fala sobre assédio em novo comercial, mas os homens não gostaram.
- CASUAL:** Dani Calabresa revela que sofreu machismo por fazer humor.
- CASUAL:** Valéria Scarance: "violência contra a mulher é mais do que um olho roxo".

Fonte: elaborado pela autora com base nas informações das mídias de notícias *Veja*, *Exame* e *Mídia Ninja*.

3. PERCURSO TEÓRICO

3.1 Cultura do silenciamento e as narrativas ocultas

Em escrita à revista *Carta maior* Lima (2017, p.1) fala sobre o conceito de cultura do silêncio de Paulo Freire, e ele ressalta “não estariam os oprimidos históricos – povos originários, negros, mulheres e as classes trabalhadoras – silenciados hoje tanto por políticas de silenciamento específicas, quanto pelo discurso público hegemônico que permanece classista, patriarcal e racista?”

São muitos os motivos que historicamente acarretam no cenário de desigualdade entre os gêneros, portanto, para compreender resquícios que se reverberam ainda nos dias atuais, é preciso fazer memória das construções sociais, históricas e culturais, de como as sociedades foram constituídas, e sob qual lógica dominante se basearam.

As mulheres, por exemplo, têm em seu gênero consequências herdadas de uma sociedade incorporada no homem, com as raízes do machismo.

1. “boa parte das meninas não termina a faculdade por conta do ambiente hostil”
2. “Num contexto em que você é minoria, você olha envolta e não se reconhece (...) então fazer faculdade de tecnologia pra mim era como andar com um holofote na cabeça (...) nós mulheres, a gente carrega um pouco essa “antes de qualquer coisa a gente é mulher” e isso muito em coisas cotidianas, as vezes em conversas banais a gente tinha que enfrentar esse tipo de pressão de representar um gênero inteiro, porque se eu errasse a impressão é que eu tava mandando a mensagem de que todas as mulheres eram ruins naquilo”⁶ (TECH GIRLS SAMSUNG, 2018)

Entre os diversos significados da palavra “cultura”, podemos descrever que ela condiz em padrões de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas. Ou ainda, podemos encontrar a definição de que é compreendida como os comportamentos e conhecimentos de determinado grupo social, como afirma Bauman (2012, p. 141) “a cultura humana é um sistema de significação e uma de suas funções universalmente admitidas é ordenar o ambiente humano e padronizar as relações entre os homens”.

Ao refletir sobre os padrões transmitidos historicamente e a forma como se comporta a sociedade, ainda nos dias atuais, Freire (1973, p. 46) aborda sobre o conceito de cultura do silenciamento, que em seu entendimento era uma forma de "manipulação e conquista, expressões da invasão cultural e, ao mesmo tempo, instrumentos para mantê-la, não são caminhos de libertação. São caminhos de *domesticação*". É esse silenciamento, essa domesticação que resulta em um cenário de invisibilidade que transpassa, por exemplo, a história e os enfrentamentos das mulheres.

⁶ Comercial parte 3 da série Tech Girls da Samsung em 2018.

Em outras palavras, Bourdieu (2012) aborda em seu texto *anamnese das constantes ocultas* sobre as lógicas de dominação construídas na sociedade, na relação entre dominante e dominado, a dominação do *outro*, e como, dessa forma, se reproduzem os silenciamentos por meio suas crenças, hábitos ou reproduções simbólicas. Ele traça em seu texto um panorama que leva a compreender como, de diversas maneiras, o corpo da mulher é objetificado sexualmente, e como é direcionado ao homem o “reforço” da sua masculinização, além das representações de poder entre os gêneros, ou melhor, de um gênero sob o outro.

A masculinização do corpo masculino e a feminilização do corpo feminino, tarefas enormes e, em certo sentido intermináveis que, sem dúvida, hoje mais do que nunca, exigem quase sempre um gasto considerável de tempo e de esforços, determinam uma somatização da relação de dominação, assim naturalizada.

[...] alguns dos mecanismos que fundamentam essa dominação continuam a funcionar, como a relação de causalidade circular que se estabelece entre as estruturas objetivas do espaço social e as disposições que elas produzem, tanto nos homens como nas mulheres. As injunções continuadas, silenciosas e invisíveis, que o mundo sexualmente hierarquizado no qual elas são lançadas lhes dirige, preparam as mulheres, ao menos tanto quanto os explícitos apelos à ordem, a aceitar como evidentes, naturais e inquestionáveis prescrições e proscricções arbitrárias que, inscritas na ordem das coisas, imprimem-se insensivelmente na ordem dos corpos. (BOURDIEU 2012, p.70-71)

É nesta dialética do gênero dominante que se consolida as noções do coronelismo e do patriarcado. Lerner (1986 *apud* Aronovich 2019, p. 28) disserta a respeito disso em sua obra *a criação do patriarcado* para ela “traçar as origens do patriarcado equivaleria a desvendar os fatos históricos que levaram as mulheres a esse quadro de submissão e opressão que perdura por milênios”:

Essa desvalorização simbólica das mulheres em relação ao divino se torna uma das metáforas marcantes da civilização ocidental. [...] É por meio dessas construções metafóricas que a subordinação das mulheres passa a ser considerada natural, ou seja, invisível. É isso, diz Lerner, que estabelece o patriarcado como ideologia.

A ideologia é o que dá sentido às relações de poder, e num exemplo simples do cotidiano, Lerner (2019, p. 355) pontua que “podemos expressar melhor a complexidade dos vários níveis de dependência e liberdade das mulheres comparando cada mulher com seu irmão e considerando como a vida e as oportunidades de uma irmã e seu irmão eram distintas”.

Essas relações de poder e silenciamento têm como frutos a opressão, a submissão e por conseguinte, a naturalização de muitas expressões, atitudes e discursos até a contemporaneidade, que seguem ainda culturalmente sendo reproduzidos e reafirmados em todos os ambientes por onde os indivíduos circulam, na família, nas escolas, nas crenças e nas organizações corporativas, tornando assim discursos despercebidos no cotidiano.

Freire (1970, p.32-33) explica ainda que:

Só é possível compreender a cultura do silêncio se a tomarmos como uma totalidade que é, ela própria, parte de um todo maior. Neste todo maior devemos reconhecer também a cultura ou culturas que determinam a voz da cultura do silêncio. [...] A compreensão da cultura do silêncio pressupõe uma análise da dependência enquanto fenômeno relacional que acarreta diversas formas de ser, de pensar, de expressão, tanto da cultura do silêncio como da cultura que “tem voz” [...].

O entendimento de Freire (1970) é de que “a *cultura do silêncio*, por fim, caracteriza a sociedade que se nega à comunicação e o diálogo e, em seu lugar, lhe oferece “comunicados”, vale dizer, é o ambiente do tolhimento da voz e da ausência de comunicação, da incomunicabilidade”, ou seja, é não dar espaço para a voz daqueles que foram silenciados.

Esses processos de silenciamento e naturalização funcionam como gatilhos sociais, eles não necessariamente são visíveis, a opressão das classes, gêneros, raças, tem a presença do silenciamento nas ações e expressões cotidianas, que estão veladas porque ao longo desses processos foram naturalizadas e tomada pelo todo como “normal”.

Ainda a respeito desse movimento de naturalização e dos estranhamentos que são causados por aqueles que tentam ir “contra a maré”, ou por aqueles que insistem em questionar o até então inquestionável, Bourdieu (1998, p. 80) pontua “essa linguagem da natureza, que se acredita trair o mais oculto e o mais verdadeiro ao mesmo tempo, é, de fato, uma linguagem da identidade social, assim naturalizada, sob forma, por exemplo, da “vulgaridade” ou da “distinção”, ditas naturais”.

As narrativas ocultas que se formam e estão presentes em nosso cotidiano nascem e se encontram desse movimento de silenciamento e naturalização que se dão por meio de falas, símbolos, ações e expressões. Por oculto, entende-se⁷ aquilo que está encoberto ou escondido; que não se manifesta ou se revela, secreto e, portanto, passam na maioria das vezes despercebidas, e conseqüentemente, reproduzidas; fazendo, assim, com que os ciclos do que foi imposto como normal, ou natural cultural e socialmente, perdurem sem muitos questionamentos e, ao menor sinal de serem questionados, o sistema cria novos gatilhos que os fazem perdurar.

3.2 Mulher e seus enfrentamentos

O jornalismo independente *mídia ninja* trouxe, em 24 de março de 2022, uma matéria com fotos que viralizaram novamente, após 10 anos, de uma representante parlamentar italiana que, à época, levava sua filha para as sessões na câmara. O tema repercutiu por ser ainda

⁷ Definição de “oculto” pelo dicionário online Michaelis (2022)

recorrente, atual e “comum”. O trecho da matéria, compartilhado na plataforma digital do instagram @midianinja (2022), evidencia um dos enfrentamentos:

A representante italiana no Parlamento Europeu Licia Ronzulli, como tantas mulheres no mundo inteiro, precisa se dividir entre a vida profissional e a maternidade e acaba tendo que levar a filha para o trabalho de vez em quando [...] a política, assim como todos os outros espaços, também deve ser ocupada por mulheres e mães – embora, o trabalho e cuidado não deva ser só delas. Fica a pergunta: com que frequência você vê homens fazerem o mesmo?

O tema em que está envolto na situação acima aparece com certa frequência nas últimas décadas, sendo colocado em pauta, pois se refere principalmente às questões de equidade de gênero envolvendo a maternidade e as condições de trabalho, contudo o enfoque que merece atenção nesse trecho citado, é o questionamento final apontado: “fica a pergunta, com que frequência você vê homens fazerem o mesmo?”.

Isso nos remete ao pequeno recorte, reflexo de uma situação causada por uma naturalização da sociedade, o simples fato de observar que tomamos por normal ou comum quando ouvimos ou vemos essa situação, se no cenário o indivíduo envolvido é uma mulher, já diz muito sobre a existência e a presença narrativas ocultas em nosso cotidiano. Este questionamento no final do trecho, leva a clara reflexão de como a jornada para as mulheres é sempre maior do que para os homens e isso não é um recorte, é uma construção social.

Historicamente as mulheres percorrem lutas para assegurarem seus direitos de existência, de permanência e de circulação nos espaços, enquanto, para os homens, já era uma condição existente. Conquistas através de direitos e políticas públicas como a Lei Maria da Penha, Lei do Femicídio, Institucionalização do programa mulher segura, entre outros, legitimadas pelo Estado, nos trouxeram ao cenário em que se vive na contemporaneidade. E são elas que mostram a importância da existência desses direitos, pois por meio deles é que, de uma forma ou de outra, a figura da mulher em sociedade é apoiada e também legitimada.

Bell hooks (2013, p. 41), em seu texto *Ensinando a transgredir*, nos provoca dizendo “ciente de que vivemos numa cultura da dominação, me pergunto agora, como me perguntava há mais de 20 anos, quais valores e hábitos de ser refletem meu/ nosso compromisso com a liberdade”.

A potência da história, dos hábitos e valores construídos se refletem todos os dias no cotidiano das mulheres. Em relação à construção histórica, e como nesse processo a mulher foi (ou deixou de ser) colocada, Lerner (2019, p. 365-367) nos traz:

É significativo que todos os exemplos contrários consideráveis se manifestassem por meio de mitos e fábulas: amazonas, matadoras de dragões, mulheres com poderes mágicos. Mas, na vida real, as mulheres não tinham história – assim aprenderam e assim acreditaram. E, por não terem história, não tinham alternativas de futuro.

Onde não existe precedente, não se pode imaginar alternativas às condições existentes. É essa característica da hegemonia masculina que é mais prejudicial às mulheres e lhes garante o status de subordinadas há milênios. A negação às mulheres de sua história reforçou a aceitação da ideologia do patriarcado e enfraqueceu a noção de valor próprio da mulher individualmente. A versão masculina da história, legitimada como a “verdade universal”, apresentou as mulheres como marginais à civilização e como vítimas do processo histórico. Ser assim apresentada e acreditar é quase pior do que ser esquecida por completo. Como sabemos agora, essa imagem é falsa, em ambas as afirmações. Mas o progresso das mulheres ao longo da história é marcado pela luta contra essa distorção incapacitante.

É fato que essas construções históricas e culturais fazem parte do ser mulher, mas não a definem e, para compreender os enfrentamentos que, apesar de em determinados casos parecerem socialmente “ultrapassados”, são ainda tão presentes, reafirmados e reproduzidos de diversas formas diferentes. Nessas manifestações que passam por despercebidas mora uma das raízes da dificuldade de combater a equidade entre os gêneros. Bourdieu (2012, p.73) traz: “bem como em todas as manifestações visíveis das diferenças entre os sexos (atitude, roupas, penteado) e, mais amplamente, nos detalhes, aparentemente insignificantes, dos comportamentos quotidianos, que encerram inúmeros e imperceptíveis apelos à ordem”.

Ao fazer essa colocação, o autor expõe como nos mais imperceptíveis detalhes se ressaltam as diferenças entre os gêneros. Mais adiante nesse mesmo texto, o autor traz um “testemunho”, que demonstra como essas questões, o silenciamento e a opressão, impõem e impactam na construção da mulher enquanto indivíduo:

“impotência aprendida” (*learned helplessness*): “Quanto mais eu era tratada como uma mulher, mais eu me tornava mulher. Eu me adaptava, com maior ou menor boa vontade. Se acreditavam que eu era incapaz de dar marcha à ré, ou de abri garrafas, eu sentia, estranhamente, que me tornava incompetente para tal. [...] Magnífica recordação, tornada possível pela comparação com esta espécie de efeito pigmalião invertido ou negativo, que se exerce tão precoce e tão continuamente sobre as mulheres e que acaba passando totalmente despercebido (penso, por exemplo, na maneira pela qual os pais, professores e colegas desestimulam – ou melhor, não estimulam – a orientação das moças para certas carreiras, sobretudo as técnicas ou científicas: “os professores dizem sempre que somos mais frágeis e então... acabamos acreditando nisso”. (BOURDIEU, 2012, p.77)

Há no início da colocação citada acima, uma memória a uma das imposições clássicas da autora feminista Simone Beauvoir (2009, p. 307), em que ela escreve:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro.

São inúmeras as questões que transpassam o ser mulher na sociedade, cada uma delas compõe as identidades individuais das mulheres e seus respectivos enfrentamentos cotidianos,

não se exclui, é claro, os avanços que foram garantidos através de conquistas históricas, direitos políticos, econômicos, e de saúde. Esses passos, definitivamente, contribuem para que as mulheres que nasceram e vivem já possam usufruir de tais conquistas, tenham outros tipos de enfrentamento em sua história e seu cotidiano; contudo, não se pode esquecer que esse cenário de reprodução de submissão, dominação e silenciamento do outro, neste caso da mulher, seguem vivos nas entrelinhas e por muitas vezes, invisíveis, são eles que impactam e influenciam diretamente em como nossos meninos e meninas são criados e ensinados a viver, e principalmente, em como a mulher se sente, se vê e se constrói.

Nessa construção, para que a mulher realmente ganhe um espaço e se faça ser ouvida, ela precisa por muitas vezes percorrer um caminho que apresenta mais percalços do que o homem, pois eles podem estar correndo numa mesma faixa, lado a lado, mas como numa corrida de obstáculos, nesse percurso, as mulheres se deparam com mais obstáculos que os homens, para chegarem a um mesmo destino final. É, portanto, para as mulheres, nesse percurso chamado vida, necessário se manter vigilantes.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo tomou como base o método de pesquisa de opinião qualitativa, tendo aplicado a técnica de entrevista de profundidade, com a intenção obter uma visão mais aprofundada do cotidiano do entrevistado e também para trazer questionamentos e reflexões relevantes para aqueles que se dispusessem a participar do estudo, pois instigar o diálogo e o debate é um dos passos necessários ao se falar sobre as dificuldades da equidade de gênero no cotidiano.

Para o recorte de pesquisa, inicialmente, foi proposto entrevistar 3 homens e 3 mulheres, sendo 1 de cada gênero em 3 diferentes setores corporativos de indústrias, todos exercendo uma posição de gestão ou liderança e numa faixa etária de 25 a 45 anos. Contudo, a tarefa de encontrar homens e mulheres dispostos e abertos a debater sobre o tema para a participação da pesquisa foi uma dificuldade enfrentada nesse processo.

A intenção com essa delimitação foi poder identificar nas experiências e vivências das mulheres as características semelhantes e diferentes enfrentadas no dia-a-dia e também no processo de ascensão de suas posições – quais foram os enfrentamentos que tiveram para chegar onde estão, quais são os conflitos diários e, ainda, refletir quais são os comportamentos e discursos machistas que percebem em seu cotidiano, seus efeitos e como isso pode ser um fator de opressão ou exclusão em seus espaços de atuação.

Compreendendo que a equidade de gênero é também uma luta que precisa ser travada pelos homens, é importante ouvi-los e entender seus comportamentos e crenças, e também qual sua percepção sobre tais narrativas ocultas no cotidiano, além de trazê-los à reflexão a partir de suas próprias vivências e falas.

Em uma das empresas escolhidas, a dificuldade foi encontrar homens nessa posição hierárquica que estivessem dispostos a participar. A maior parte da liderança masculina é pouco aderente a debater assuntos como o proposto neste artigo. Por outro lado, daqueles que se dispuseram a participar, foi possível coletar informações importantes, trazer a reflexão das questões que envolvem a equidade de gênero no cotidiano e passam despercebidas, e ainda, de modo geral, um agradecimento por fazer parte da pesquisa, além de indicarem outras pessoas para a participação da mesma. Com isso foram entrevistados 3 homens e 3 mulheres, sendo eles dos diferentes setores corporativos industriais de celulose, cosméticos, mineração e materiais de construção industrial.

Dentre os cargos dos entrevistados tivemos:

- a) Entrevistada 1: coordenadora de produtos, 32 anos. Setor industrial de materiais de construção industrial, ela se identifica como branca e bissexual;
- b) Entrevistada 2: especialista de responsabilidade social, 30 anos. Setor industrial de celulose, ela se identifica como branca e bissexual;
- c) Entrevistada 3: chefe do departamento de comunicação e comunidade, 45 anos. Setor industrial de mineração, ela se identifica como branca e como lésbica, reitera que acredita ainda, que em outro momento da vida poderia até ter passado por um processo de se identificar como trans, mas devido às questões, espaços e opressões de sua época não foi algo que se permitiu;
- d) Entrevistado 4: coordenador de operações, 25 anos. Setor industrial de cosméticos, ele se identifica como branco e heterossexual;
- e) Entrevistado 5: gerente industrial/de fábrica, 43 anos. Setor industrial de materiais de construção industrial, ele se identifica como preto e heterossexual;
- f) Entrevistado 6: diretor de comunicação, 49 anos. Setor industrial de mineração, ele se identifica como branco e heterossexual.

Optou-se por manter em anônimo as identidades dos entrevistados para que, dessa forma, pudessem se expressar com maior tranquilidade e liberdade. Para iniciar as entrevistas, como forma de introdução ao tema e de reflexão, foram separadas algumas inferências, que foram encaminhadas aos entrevistados junto com o roteiro de perguntas que guiaram os debates, ambos inclusos no Apêndice A ao final deste artigo.

5 APURAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Para uma melhor compreensão dos dados obtidos, esse tópico será subdividido em duas partes, uma com a descrição e respostas das mulheres e outra com as dos homens e, por fim, as considerações. Ao iniciar as entrevistas, foi proposta aos entrevistados uma reflexão sob falas e expressões machistas, descritas no Apêndice A em “Para refletir: Quais expressões e atitudes descritas abaixo você consideraria serem machistas?”. A maioria dos respondentes considerou que todas as sentenças trazidas são de fato machistas, com exceção do entrevistado 6 que não identificou duas das expressões/falas como tal. Em sua perspectiva, não as considerou, pois o sujeito central da fala descrita não era a mulher.

5.1 Narrativas ocultas na perspectiva das mulheres

Em um modo geral, elas expressam e partilham do mesmo sentimento, suas ideias se convergem/ confluem para um mesmo fim.

Na primeira questão foi abordado o que para elas significa, lembra ou remete a expressão “ser mulher”, de uma forma peculiar, todas elas demonstram que o ser mulher remete à um campo em que “carrega-se junto uma série de atribuições e responsabilidades” (Entrevistada 1), além de uma necessidade de luta para “quebrar com esses símbolos de fragilidade e dependência” (Entrevistada 2), mas que esta é uma resistência “mediada por um lugar de construção” conforme pontua a Entrevistada 3. E para além dessa luta que transpassa o ser mulher, para elas também é a forma como a pessoa se identifica, é ser forte, é tornar-se.

Já na segunda e terceira questões, abordamos quais são as expressões e ou falas que elas ouviram em suas trajetórias somente por ser mulher, e como isso impactou suas construções enquanto pessoas e profissionais.

Para a Entrevistada 1, uma das expressões que tem visto com maior frequência nos dias atuais é a surpresa das pessoas nos lugares quando ela tem que sair a campo, porque é sempre esperado que seja um homem atendendo o meio industrial, e ao falar sobre ser parte do time de marketing, “sempre há uma expressão de - ah então tá -, como se marketing pudesse ser aceito pra ser exercido por mulheres, e outras áreas não”. Comenta também sobre as muitas cobranças desde sempre, e que muito mais é exigido dela, “por mais que não haja uma fala direta de que o motivo é eu ser uma mulher”, aponta. Outra expressão que a acompanhou a vida toda, dentro de casa é “ah, mas é porque é homem”, para exemplificar citou diferenciações cotidianas simples entre ela e seu irmão mais velho como “ah porque que eu tenho que arrumar a cama e ele não? Ah, mas porque ele é homem (...) é sempre muito permissivo para com o homem”.

Para ela os efeitos dessas expressões, são insegurança, sensação de falta de rede de apoio, de auto cobrança e de sentir que nunca nada que faz é suficiente, coisas que geram uma ansiedade e um medo, “uma sensação muito grande de síndrome de impostor mesmo, como se eu não devesse estar onde eu estou agora”.

Para a Entrevistada 2, uma expressão que é latente em sua história é “piriguete”, “é uma expressão que eu acho muito curiosa, e que eu acho que ela só existe no ser mulher ali, porque não existe por exemplo o equivalente de piriguete pra homens, e isso revela como existe um código de vestimenta muito associado ao lugar do feminino”. Um outro exemplo é sobre sua infância, em que ela e suas primas precisavam fazer determinadas atividades, como ajudar com a louça, enquanto seus primos podiam ir para fora e brincar, mas que só percebeu como é um machismo estrutural quando ela, enquanto mulher, se viu julgando outras como “piriguete”, e por isso essa expressão é tão simbólica para si.

Ela acredita que são múltiplos os efeitos causados e eles passam por vieses inconscientes, contudo, entende que foram dos positivos aos negativos. Como positivo entende que os incômodos à levaram para um lugar de tomada de consciência, de construção de quem é hoje, e entende que o feminismo é uma jornada não linear, e por outro lado, como um impacto negativo, até hoje tem questões com seu corpo, como algo que está:

“absolutamente enraizada dentro de mim essa coisa da pressão estética, e isso me violenta muito de muitas formas (...) não existe esse controle sobre o corpo masculino, isso é uma coisa que tem um impacto tão profundo, que extrapola a minha consciência racional sobre isso. Com todo o entendimento e tal eu continuo com problema de autoimagem assim, então eu acho que tem coisas que inclusive estão para além do que é o caminho da tomada de consciência e que eles vão ter marcas na gente de uma forma muito profunda assim, que talvez o entendimento não consiga superar”.

Já para a Entrevistada 3, houve seguinte relato:

“Eu acho interessante, porque eu não sou uma figura muito feminina, talvez eu não ouça tantas coisas que são mais corriqueiras, do tipo, “ah chegaram elas, agora nossa reunião vai ficar mais florida”, “agora nós vamos embelezar a sala”.

Reitera ainda que essas falas são muito comuns no cotidiano e que como o ambiente que transita é muito masculino, ela sente que as vezes consegue se encaixar melhor do que homens gays por exemplo, para aquele meio “meu jeito de andar, meu jeito de vestir está ok, porque não é estranho àquele ambiente”. Mas quando sai daquele ambiente para representar a empresa,

“percebo estranheza sim, mas assim é algo que eu também peitei sabe, tipo beleza o pessoal vai estranhar no começo mas eles vão ter que me engolir porque eu não vou mais colocar um vestido ou uma saia pra eu deixar os outros confortáveis e eu ficar desconfortável, mas isso foi uma mudança de chave importante e assim recente pra mim”.

Ela comenta ainda que muitas vezes se violentava se vestindo de uma forma que não queria “porque eu me sentia nessa obrigação social, e depois eu entendi que eu não precisava cumprir essa obrigação, que ela não era uma obrigação e que eu não precisava obedecer à isso”.

Na quarta questão, buscou-se refletir se durante suas trajetórias se sentiram coagidas, a se vestir, agir, falar ou se silenciar de alguma forma somente por serem mulheres. Nesse sentido, para a Entrevistada 1 um exemplo marcante de sua história foi se vestir de uma forma que a fizesse parecer mais velha e se fazer ser mais respeitada, por conta de assédios constantes que passava no início de sua carreira. Já a Entrevistada 2 aponta que também já se sentiu coagida em relação à vestimenta, e cita pensamentos como “ai será que a roupa é muito curta” ou “será que o decote tá muito grande”, “e pra além disso, também tem a questão de ser uma mulher fora do padrão”, em relação a ser silenciada comenta que foi mais voltado a questão da sua sexualidade e a como se comportar em determinados ambientes. A Entrevistada 3 também cita a questão da vestimenta e, que muitas vezes fez algo que achava que deveria para cumprir um certo “protocolo” mesmo que aquilo não à fizesse feliz.

Entre as questões 5 e 6 falamos sobre as diferenciações de gênero dentro de seus respectivos ambientes de trabalho e como foram os desafios ou enfrentamentos para chegarem nas posições que ocupam hoje, diante disso, a Entrevistada 1 afirma que há muitas iniciativas para que o cenário igualitário aconteça, mas percebe como na prática muitas pessoas continuam tendo falas e atitudes machistas, mesmo na frente dela que ocupa uma posição de liderança e faz parte do pilar do comitê de diversidade. Isso à leva a pensar como é a opressão nas áreas mais operacionais. Afirma ainda que “é constante no dia a dia eu ser questionada, mas não é um questionamento em cima daquilo que eu acho, é em cima de dados que eu estou trazendo”.

Para ela, dois casos que a marcam muito é a saída de mulheres de sua área justamente pelo motivo de não aguentar o assédio constante, e o questionamento dos fatos e dados comprovados apresentados por elas. Cita ainda que o ambiente acaba por legitimar e dar voz a esse tipo de atitude de acordo com o tempo, hierarquia e afinidade que a pessoa ocupa dentro da organização fazendo com que eles reproduzam ações ou expressões de opressão, para exemplificar, conta de uma situação em que uma pessoa com elevada posição. A respeito de sua trajetória comenta:

“sempre que tive que trabalhar muito mais do que qualquer outro homem que estava na mesma posição do que eu, não somente trabalhar mais em horas, mas trabalhar muito mais aprofundadamente, e sempre com medo (...) tá sempre todo mundo olhando pra ver que horas que eu vou errar. Isso é pesado, isso cansa. Essa discrepância de atuação e da maneira do tipo de entrega e do quão perfeitas as entregas tem que ser, eu acho que pra mim é o que mais me chama atenção ao longo da minha trajetória inteira”.

A Entrevistada 2 relata “eu venho de um outro lugar que é majoritariamente dominado por mulheres, que é o terceiro setor, então acho que isso, quando eu venho pro segundo setor, me gera muitos estranhamentos”. Comenta sobre presenciar situações de reuniões com poucas mulheres entre muitos gestores homens, e a fala delas serem cortadas, invalidadas, “comportamentos realmente muito violentos que me deixaram assustada mesmo”.

“Não foram poucas as vezes em que vi mulheres nessas posições, sendo verbalmente atingidas ali, invalidadas nos seus posicionamentos (...) a gente tem que operar com um certo nível de negação, porque se a gente for realmente comprar todas aquelas brigas, e for tomar muito pra gente, talvez seja inviável atravessar aquele cotidiano”.

Para além disso, ela comenta ainda sobre lideranças femininas fazendo “brincadeiras”, julgando a respeito das roupas que suas subordinadas estão usando. Para ela, algo que sente muito direta e fortemente é a pressão estética, e acredita que talvez até mais do que a questão de gênero ou da sua sexualidade, porque para isso, ela consegue mais fácil e frequentemente se posicionar e agir de uma forma pedagógica, enquanto, ao se referir a sua auto imagem, ao seu corpo, “de fato silencio mais, é uma coisa mais mal resolvida dentro de mim, a ponto de eu não conseguir me colocar com a mesma facilidade”.

Ao falar sobre desafios para chegar onde está hoje, a Entrevistada 2 traz a interessante perspectiva das inúmeras interseccionalidades que a atravessam, e de reconhecer cada uma delas em sua história, como a branquitude, a classe social, que deu a ela uma série de oportunidades de conhecimento que também a levaram estar onde está hoje. Afirma ainda o quanto importante foi estudar e ter acesso em um momento em que havia políticas públicas educacionais que a permitiram ampliar experiências, “e isso também mostra a importância de que a institucionalidade, de que as políticas públicas entrem também pra impulsionar a gente em determinados espaços”.

A Entrevistada 3 aponta que já sentiu e viu as diferenciações no tratamento entre os gêneros em seu cotidiano por mais que a empresa pregue que todos são iguais na realidade não são e isso já começa pelo cenário desigual na quantidade de mulheres e homens dentro da organização, o que piora quando se observa os recortes de liderança. Além disso, aponta que:

“a empresa sempre vai ter algum tipo de artifício que vai levar um benefício maior pro homem. Ainda que, ele esteja numa posição hierarquicamente, inferior a uma mulher. Há sempre uma tentativa de tentar enquadrar, encaixar aquele cara ali para que ele não se sentir muito por baixo, quando a gente está falando de posições de equivalência, eu já presenciei isso”.

Em relação aos desafios travados, ela comenta que teve vários “como toda mulher”, mas cita um exemplo específico de um cargo que ocupou e precisou se esforçar muito para conseguir ser respeitada e valorizada por aquilo que fazia, em relação a isso faz a seguinte analogia:

“legal que a gente conseguiu virar essa chave, mas e se fosse um homem será que ele ia precisar de todo esse investimento, de todo esse esforço pra chegar nesse lugar? É como se tu fosses um carro motor 1000, e o outro fosse um carro motor 2.0, e aí tu vai subir uma ladeira, tu tem que vir lá de baixo já com uma marcha toda esticada pra conseguir subir, e aí o outro não, vem com uma marcha tranquila e vai subir numa boa ali. (...) **a gente precisa ser o tempo inteiro um carro 1000, dando todo do seu motor pra conseguir subir as ladeiras que tem por aí**”. (grifos nossos).

Já nas questões 7 e 8, caminhamos para compreender suas perspectivas sobre as iniciativas de criar um ambiente mais igualitário, como se sentem para se expressarem em pesquisas por exemplo, e também o que acreditam ser ações efetivas para esse processo.

Nesse sentido, todas as entrevistadas pontuam que não se limitam a expressar suas opiniões ou se posicionarem, mas ressaltam que essa não é uma realidade para todas as mulheres. A Entrevistada 1 acrescenta que, apesar de não ser uma realidade, percebe que nos últimos anos aumentou o percentual de mulheres participando ativamente de pesquisas por exemplo, e ela entende que isso é um reflexo da abertura e de debates mais constantes sobre o tema da diversidade que lhes permitem entender e reconhecer que podem também ter voz, ou que determinadas situações são machistas. Ideia também partilhada pelas Entrevistadas 2 e 3 que comentam sobre o fato de que agora falar sobre diversidade e inclusão é uma pauta exigida pelo mercado financeiro, o que impulsiona as empresas a aderirem ao tema com mais afinco.

Elas compreendem que há um saldo positivo nas iniciativas, mas que ainda são muito incipientes e há um longo caminho a ser percorrido. Conforme pontuam as Entrevistadas 1 e 3, para haver ações mais efetivas, é necessário responsabilizar aqueles que têm mais poder de influência, as lideranças; precisa ser uma mudança de chave cultural e, para que isso ocorra, é preciso vir de cima para baixo. A Entrevistada 3 aponta que é preciso “reconhecer o machismo, parar de negar, e aceitar, e a partir daí, ir construindo as transformações de forma coletiva, construindo de diversos recortes de representatividade dentro da empresa”.

Em complemento, a Entrevistada 2 acredita haver pelo menos 3 coisas a se trilhar, 1º desvelar vieses inconscientes, “sei que cansa ser a pedagógica a gente não é obrigada mas eu acho que é importante”; e para que isso ocorra, para que as pessoas de fato se sensibilizem é necessário 2º ter ambientes mais diversos, com “as pessoas assim confrontando e dizendo, no pequeno ali do cotidiano, porque que aquilo incomoda”; e a 3º coisa é a oportunidade, “precisa ter acesso, precisa ter acesso a políticas, a oportunidades abertas, precisa garantir acessos, se as pessoas não chegarem nesses espaços, como é que a gente vai virar a chave”.

5.2 Narrativas ocultas na perspectiva dos homens

Na primeira questão, trouxemos a reflexão de, para eles, o que significa, lembra ou remete o “ser homem”. Para o Entrevistado 4 “instantaneamente, historicamente, ser uma pessoa forte ou algo do tipo”, já o Entrevistado 5 acha que está atrelado a uma “questão de conduta perante a sociedade”, alinhado aos valores e preceitos sociais e nos traz também uma perspectiva de sua territorialidade, o nordeste, o “ser macho é exatamente não chorar, não aceitar desaforo no meio da rua e não levar desaforo pra casa, é a mulher não pode mandar, quem manda é o homem dentro de casa, é não ter nenhum comportamento que esteja associado com a condição ligada ao feminino”, já na visão do Entrevistado 6 homens e mulheres são diferentes, ele pontua:

“pra mim ser homem, é ser homem, obvio que eu vou lembrar de características e de coisas do que ser homem significa (..) se a gente tivesse que fazer uma análise, você vai sempre pros estereótipos, o ser homem é ser forte, ser homem é o provedor, ser homem é ser cabeça, ser homem é ser o líder”.

Nas questões 2 e 3 abordamos quais expressões eles presenciavam por serem homens, e como isso influencia ou impacta suas trajetórias.

A respeito disso, o Entrevistado 4 comenta sobre algumas expressões mais ouvidas no cotidiano atual como: “seja homem”, “a gente tá aqui entre homens”, “ah, não vou falar tal coisa porque tem uma mulher aqui”. Ele acredita que muitas coisas influenciam desde menino, ouvir as diferenciações de gênero sempre acaba direcionando as pessoas para algum lugar. Por vir de uma área majoritariamente masculina, comenta sobre os choques que sentiu ao ver as disparidades, “fiz engenharia mecânica, tinha 1 menina na minha sala de 60 pessoas, aí eu vou trabalhar com operações e eu vou trabalhar numa área onde tem 160 homens e 6 mulheres”. Ele relata ainda sobre a sua chegada no ambiente de trabalho e inúmeras falas machistas que ele ouvia de pessoas de gerações anteriores “e uma coisa que eu sempre falava, cara não quero repetir”. Refletindo sobre a questão ele complementa:

“a gente sempre ouviu que mulher é mais frágil, e acho que isso acaba reagindo muito em como a gente trata elas no ambiente de trabalho ou até na vida mesmo (...) inconscientemente é muito comum você fazer isso, “não fala tal coisa porque ela é mulher e vai chorar”.

Já o Entrevistado 5 comenta que uma expressão muito comum é ser julgado por usar rosa, cita ainda que é comum em grupo de WhatsApp ter pornografia compartilhada, e que ele, por respeito a sua família e de seus próprios limites, não costuma compartilhar ou passar para frente, e isso gera também comentários sexistas como:

“sei não, mandei de mulher e ele não gostou, então vamo colocar de homem pra ver se ele gosta. Você não compactua com aquilo que te entregam, você não é inserido lá

no processo. No início acabava incomodando sim, e fazia eu ficar reflexivo com alguns comportamentos, até pra você se proteger de alguns julgamentos você acaba meio que adotando uma postura diferente”.

Hoje ele frisa que tais questões já não o incomodam mais, e reitera que isso o levou a estar mais ao lado das mulheres, a ouvi-las mais. Comenta sobre linhas de produção que liderou em que uma com 150 mulheres não tinha nenhum problema de gestão e relação, enquanto, em uma linha de produção com 12 homens, tinha conflitos de relação e gestão e conclui: “muitas questões que tive direcionados pra mim, me influenciaram a pensar, bom se o sistema está vindo dessa forma, vamos tentar provocar o sistema pra ver se o sistema veja algo diferente, pra que as pessoas pensam e reflitam de uma forma diferente”.

O Entrevistado 6 acredita que ouviu mais expressões e com maior frequência na fase infantil e na adolescência, e pontua ainda que, por ter feito uma faculdade de comunicação em que há um maior número de mulheres do que de homens acredita ser um dos motivos de, já na fase adulta, não ouvir tanto determinadas falas ou expressões. A respeito dos reflexos disso na trajetória pontua:

“logico que impactam, eu acredito que falas, comportamentos, símbolos, e até regras, leis e etc, elas moldam uma sociedade, então eu sou fruto, (...) a sociedade cria alguns paradigmas e algumas caixas onde você deve se encaixar, e quando você não encaixa naquele momento é toda essa questão que vem à tona e você é questionado”.

A quarta e a quinta questões nos trazem a reflexão sobre as pressões para agir de determinada forma para que não fosse julgado ou a necessidade de reforçar sua masculinidade. A respeito disso todos os participantes reforçam que sentiram essas pressões de diferentes formas durante a vida, em especial na fase da infância e adolescência. Em exemplos, o Entrevistado 4 aponta que uma frase marcante é “homem não chora”, e conta que, em uma fase da vida, apesar de não gostar de futebol, se sujeitou a escolher um time simplesmente para poder se enquadrar, não ser excluído ou taxado de esquisito. Trazendo para os dias atuais, comenta que sempre foi ensinado a “falar forte” para que fosse respeitado pelos demais homens de sua equipe.

Já o Entrevistado 5 comenta sobre a pressão que recebia desde cedo dentro de casa, como sendo a mais traumática e que era a realidade de 90% dos adolescentes de sua época (final dos anos 1980 e início da década de 1990), para o menino “se tornar homem”, o pai, como um ritual, o levava para um “puteiro”, conta “me senti ruim por alguns dias e digerindo aquele processo. Foi bem difícil, foi complicado. Talvez isso me gere sequelas até hoje”. Complementa contando de sua época de ginásio em que menino tinha que fumar, beber e jogar bola, e não eram coisas que ele gostava ou se enquadrava, e por isso acabava sendo excluído ou taxado de afeminado:

“eu acho que você vai se auto formatando, primeiro você tem que se adequar e se adaptar aos ambientes, principalmente se você quiser passar por esses ambientes sadio, com a cabeça saudável, e aí você vai então se formatando, se adaptando(...) mas quando sai fora entende que não é o que pensa, não é o que julga e não é o que quer pra si”.

Em consonância com essa mesma linha de enfrentamento, o Entrevistado 6 comenta que “um determinado momento da nossa vida, em que a gente vive o grupo, e você reproduz o comportamento do grupo (...) a sociedade já nos apresenta um cardápio pronto”, e acredita que “muitas dessas expressões elas entram no nosso vocabulário, e nós não nos damos conta disso, só lá na frente quando você começa a refletir”.

Nas questões 6 e 7, refletimos acerca dos ambientes de trabalho e como falas e atitudes machistas podem passar despercebidas no cotidiano e, também, se acreditam ter sido privilegiados ou poupados de alguma forma por serem homens.

O Entrevistado 4 comenta que apesar de a empresa onde está inserido ter metas como um todo para tornar o ambiente mais igualitário, e que se olhar por cima ela é 50/50, é uma realidade que ainda há disparidades, porque enquanto o marketing, por exemplo, é composto quase integralmente por mulheres, em operações é composto por homens, e aí o “equilíbrio”, mas isso não ocorre olhando para os pequenos recortes. Ele dá o exemplo de sua área, que é operações, onde de 12 coordenadores somente 1 é mulher, e por isso também há pequenas metas por área. Conta nesse sentido um episódio recente que presenciou “para essa atividade precisamos contratar mulheres, porque elas são mais delicadas”. Observa ainda que essas situações são mais presentes em níveis mais baixos, porque, ao subir para as lideranças, o ambiente já é um pouco mais igualitário.

Para o Entrevistado 5 existe diferenciação entre os gêneros no cotidiano e bem nítida e entende que, para tentar trazer um equilíbrio, talvez o caminho seja “trazer mais consciência”, comenta que notou mudança de pensamento e comportamento quando a empresa começou a trazer mais debates sobre isso no dia a dia. Trouxe dois exemplos, um recente, sobre uma contratação de uma mulher para estar na portaria e teve problemas com a equipe masculina, que frequentava demais o local com outras intenções, e que a solução ‘mais rápida’ foi o desligamento da mulher. O outro é sobre seu início de carreira no final da década de 1980, em que gestores assediavam e coagiam mulheres subordinadas para que sássem com eles e só assim não seriam despedidas.

Já o Entrevistado 6 comenta que a sociedade costuma tornar essas expressões como algo normal “o que não é bom, “ lugar de mulher é na cozinha”, “mulher não foi feita pra trabalhar”, “faça uma mulher feliz, dê pra ela uma vassoura e um balde”, entende que “são essas coisas

que tem que tirar da nossa fala”, e que é importante “não permitir que a mulher se coloque no lugar que a sociedade/ os homens requerem de opressão e não empoderamento, da mesma forma que os homens, não podem exercer essa postura agressiva verbalmente”.

Todos eles acreditam terem sido privilegiados por serem homens e estarem dentro de uma estrutura social, hierárquica que favorece os homens. O Entrevistado 4 conta que, por estar em uma área de operações, o pensamento costuma ser de “vamos colocar um menino ali porque é melhor”, “acho que na minha própria seleção de estagio, o meu gestor me selecionou por ser homem, porque ele acreditava que homens se dessem melhor no ambiente de trabalho em que eu ia tá inserido”, e ter entrado ali como estagiário é uma das coisas que o trouxe até onde ele está hoje. O Entrevistado 5 reforça que sempre houve uma posição privilegiada, de “vamos colocar um homem aqui por que antes era um homem também” e complementa “hoje, tenho a missão de ajudar a pensar diferente, trazendo por exemplo mulheres pra ser minha base de apoio”, o Entrevistado 6 corrobora com a visão de que a sociedade coloca o homem em uma posição privilegiada e comenta “é uma sociedade que tem uma geração ainda que acredita que o lugar da mulher é na cozinha”, em sua visão “isso só vai mudar com as novas gerações”.

A questão 8 busca saber o que na opinião dos participantes podem ser ações efetivas para ajudar minimizar as ações e expressões machistas que foram naturalizadas. Para o Entrevistado 4 e, em convergência com ele, o Entrevistado 5 entendem que precisa haver uma conscientização no âmbito da liderança, algo que venha de cima para baixo e instituído na cultura organizacional. O Entrevistado 4 reitera a necessidade de haver uma constância e não somente campanhas isoladas, para mudanças estruturais, expandindo a outros ambientes e não só o de trabalho, é algo que precisa vir da educação além de uma mudança de pensamento e comportamento de gerações, ideias compartilhadas pelo Entrevistado 6.

O Entrevistado 4 lembra ainda da importância de ter mulheres em todos os níveis hierárquicos, pois acredita que o contato cotidiano ajuda a minimizar a naturalização das expressões, pensamento também partilhado pelo Entrevistado 5 que reitera a necessidade de trazer mais discussões frequentes, trazendo a luz da sociedade. Além da necessidade de dar lugar de fala ao outro, pois à medida em que vai ouvindo e entendendo a dor que isso causa no outro é que “é possível ir mudando o ponto de visão e de comportamento”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A mulher precisa ser ouvida de verdade”. Essa é uma das frases ouvidas durante uma das entrevistas deste artigo, o mesmo se propôs a se aprofundar nas narrativas ocultas do cotidiano e compreender como e se elas poderiam ser um fator dificultoso para o avanço da equidade de gênero.

Por meio das histórias partilhadas pelos entrevistados, é possível observar a presença de tais narrativas em suas trajetórias e em suas construções pessoais e profissionais. Não só a presença, mas também a forma como isso imprime neles, onde estão, o modo de pensar e de se construir, apontam ainda que, mesmo e apesar de evoluções em torno do debate dos gêneros e do autoconhecimento, há marcas que permanecem. Para as mulheres, “é assim que a gente se sente uma vida inteira”, é notável a insegurança, medo, autoexigência frequente, ainda que em vertentes individuais, diferentes, e ainda que reconheçam suas potências enquanto mulheres, e enquanto pessoas.

Em uma análise geral, as narrativas ocultas estão presentes e são reproduzidas, na maioria das vezes, involuntariamente, por ser estrutural, e estar enraizada social e culturalmente e, numa tentativa efetiva para minimizar as naturalizações de ações e expressões, é necessário trazer provocações com mais frequência, que leve à reflexão, ao reconhecimento, e então à transformação. Além de agir de uma forma pedagógica se posicionando sempre que possível, tornar os ambientes de fato mais diversos, fazendo que, por meio do próprio convívio das diferenças, as pessoas se sensibilizem.

As inúmeras histórias aqui partilhadas ilustraram que há muitas interseccionalidades cotidianas que atravessam a trajetória de homens e mulheres, que simbolicamente dá ao homem um direito a ocupação dos diversos espaços no mesmo passo em que é subentendido que a mulher não esteja apta a ocupá-los, ou ela deverá se esforçar muito para conquistar o direito e o respeito de estar ali. Tais construções simbólicas, estruturais e culturais culminam no que discutimos ser aqui as narrativas ocultas cotidianas e, conforme exposto, elas se tornam muitas vezes um fator de entrave para a evolução da equidade de gênero.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Cultura como práxis in: **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BEAUVOIR, Simone (1949). **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, 2ª ed.

BOURDIEU, Pierre (1998). **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, 11ª ed.

EXAME. **Notícias sobre machismo**. Disponível em: < <https://exame.com/noticias-sobre/machismo/> >. Acesso em: 20 mar. 2022.

FREIRE, Paulo (1974). **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.ª edição.

_____. **Cultural Action for Freedom**. Harvard Educational Review and Center for the Study of Development and Social Change. Monograph Series nº 1. 197, 1970. P.32-33.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LERNER, Gerda (1986). **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, Venício A. de. **Sobre a cultura do silêncio**. Carta maior: 2017. Disponível em: < www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia-e-Redes-Sociais/Sobre-a-cultura-do-silencio-1-12/38974 >. Acesso em: 20 mar 2022.

MICHAELIS, Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. **Silenciamento**. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/silenciamento/#:~:text=Dicion%C3%A1rio%20Brasileiro%20da%20L%C3%ADngua%20Portuguesa&text=Ato%20ou%20feito%20de%20impor,ETIMOLOGIA%20der%20de%20silenciar%20Bmento> >. Acesso em: 20 mar. 2022.

_____. **Velado**. Acesso em: mar. 2022. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/velado/> >. Acesso em: 20 mar. 2022.

MÍDIA NINJA. **Após 10 anos, fotos de senadora italiana com a filha voltam a viralizar e tema continua atual**. Disponível em: < <https://midianinja.org/news/apos-10-anos-fotos-de-senadora-italiana-com-a-filha-voltam-a-viralizar-e-tema-continua-atual/> >. Acesso em: 20 mar. 2022.

VEJA. **Notícias sobre machismo**. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/noticias-sobre/machismo/> >. Acesso em: 20 mar. 2022.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

Para refletir: Quais expressões e atitudes descritas abaixo você consideraria serem machistas?

1. Tem que lavar uma louça, ou passar uma vassoura na casa para ajudar a mãe
2. Quem paga a conta na mesa é o homem | No bar, mesmo que a mulher peça a conta, ela sempre retorna para o homem.
3. Tem coisas que é ok o homem fazer, mas a mulher não
4. Trabalhar com mulher é difícil
5. Só pode ser uma mulher
6. A mulher ficou com vários homens: é puta
7. Homem que é amigo de mulher sem nenhuma intenção é frouxo
8. Já julgou uma mulher pela roupa que ela vestia, ou justificou uma situação de assédio por conta da roupa que ela vestia
9. Quando uma mulher denunciou um caso de estupro, disse que se ela estivesse em casa, nada disso teria acontecido
10. Homem chorar é sinal de fraqueza
11. Deve estar saindo com o chefe
12. Legal que você conseguiu se estabelecer nessa profissão mesmo sendo mulher

ROTEIRO ENTREVISTA 1

1. Para você o que a expressão “SER MULHER” significa, lembra ou remete?
2. No dia a dia quais costumam ser as expressões ou reações mais comuns que já ouviu ou presenciou somente por ser mulher? Já pensou a respeito ou reparou nisso em algum momento?
3. Quais são os efeitos que essas expressões, ou ações tiveram durante a sua trajetória enquanto pessoa e também enquanto profissional? Essas expressões ou ações impactaram ou influenciaram você de alguma forma?
4. Já se sentiu coagida a agir, se vestir, falar algo ou até mesmo se silenciar em alguma situação por ser mulher? (aqui podemos explorar atos abstratos e concretos, exemplos: medos, ou situações físicas)
5. Pensando no seu dia a dia, em especial no ambiente de trabalho, você sente que há diferenciações nos tratamentos entre os gêneros? Já sentiu em algum momento que o seu posicionamento teve menos valor que o posicionamento de um colega homem por exemplo? Conte um pouco sobre seu cotidiano e suas percepções

6. Pensando na sua trajetória até o momento atual, quais foram os enfrentamentos que você teve que passar para chegar na posição que está hoje, e quais acredita que ainda enfrenta hoje? Poderia comentar? (houve desafios, vantagens ou desvantagens atribuídos ao seu gênero?)
7. Entre as tentativas de criar ambientes corporativos mais inclusivos e igualitários, você acredita que há efetivamente um saldo positivo? Você se sente confortável para se expressar, seja no dia a dia ou em pesquisas e abordagens internas por exemplo? Poderia comentar, na sua opinião, sobre a realidade atual avaliando nesse sentido os avanços (ou não)...
8. Na sua opinião, o que pode ser realizado para que as ações e expressões que foram naturalizadas possam ser minimizadas criando as condições efetivas para que os ambientes sejam mais inclusivos e igualitários?

ROTEIRO DE ENTREVISTA 2

1. Para você, o que a expressão “SER HOMEM”, significa, lembra ou remete?
2. No dia a dia quais costumam ser expressões ou reações que você já ouviu ou presenciou só por que você é homem? Já reparou ou parou para pensar a respeito disso em algum momento?
3. Quais são os efeitos que essas expressões, ou ações tiveram durante a sua trajetória enquanto pessoa e também enquanto profissional? Essas expressões ou ações impactaram ou influenciaram você de alguma forma?
4. Você já se sentiu pressionado a agir de determinada forma que poderia ser caracterizada como machista, simplesmente porque poderia ser julgado por seus colegas, amigos, família ou sociedade de modo geral?
5. Ou ainda, já se sentiu pressionado a reforçar sua masculinidade em algum momento ou determinada situação? Exemplos: “ser forte e não chorar”, “não expressar emoções”, “ser rude”. Poderia comentar?
6. Comente um pouco sobre o seu dia a dia, em especial no ambiente de trabalho. Você percebe falas ou atitudes machistas que podem passar despercebidas, inclusive por você? Poderia comentar, na sua perspectiva, se existe alguma diferenciação entre homens e mulheres?
7. Pensando na sua trajetória até o momento atual, você acredita ter passado por enfrentamentos para chegar na posição que está hoje? Ou ainda, já houve situações

em que, de alguma forma, acredita ter sido privilegiado ou “poupado” por ser homem? Comente a respeito

8. Pensando no seu cotidiano, na sua opinião o que pode ser realizado para que as ações e expressões que foram naturalizadas possam ser minimizadas criando as condições para que os ambientes sejam mais inclusivos e igualitários?